

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELENO MARQUES DE ARAÚJO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
(ORGANIZADORES)



REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELENO MARQUES DE ARAÚJO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
(ORGANIZADORES)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Reflexão sobre temas e questões em áreas afins à filosofia

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Eleno Marques de Araújo
Elisângela Maura Catarino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

R332 Reflexão sobre temas e questões em áreas afins à filosofia [recurso eletrônico] / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Eleno Marques de Araújo, Elisângela Maura Catarino. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-390-3

DOI 10.22533/at.ed.903201609

1. Filosofia. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Araújo, Eleno Marques de. III. Catarino, Elisângela Maura.
CDD 100

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“Há três métodos para ganhar sabedoria: primeiro, por reflexão, que é o mais nobre; segundo, por imitação, que é o mais fácil; e terceiro, por experiência, que é o mais amargo”. (Confúcio)

Caríssimos leitores, fazemos chegar até vocês o livro – Reflexões sobre Temas e Questões em Áreas afins à Filosofia. Uma obra que reúne textos de autores de vários estados e instituições do Brasil, que tem como foco promover o diálogo e a reflexão filosófica. A leitura filosófica é viva e contempla em seu arcabouço temas como: virtude, verdade, democracia, emancipação, política, racionalismo, normalização, humanidade, liberdade entre outros.

A obra é composta por 11 trabalhos que materializam estudos que foram desenvolvidos em contextos diversos e que colocam no centro das discussões, o intercruzamento de teóricos e temas que são ricos e caros para Filosofia e para Ciências Humanas de modo geral. Entre eles podemos citar: Adorno – educação emancipadora; Karel Kosik – e a dialética concreta; Freire e Nietzsche – com a transversalização da educação bancária; Foucault – exercício de si, entre outros.

Nos textos desta obra, a “linguagem é vazada em metáforas e retóricas, e é dessa forma heterogênea, que a escrita filosófica lança mão, conscientemente ou não”¹. Com isso, a obra, acaba sendo um convite à emersão ao mundo do conhecimento e da sabedoria, perpassados pelos ‘discursos’, ‘reflexões’ e ‘questões’ filosóficas.

Diante o exposto, desejamos a todos vocês uma excelente leitura.

Dr. Marcelo Máximo Purificação

Dr. Eleno Marques de Araújo

Dra Elisângela Maura Catarino.

1. COSTA, G. G. A escrita filosófica e o drama do conhecimento em Platão. Miolo Archai 11-1, indd, 2013,p.11.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A TEORIA CRÍTICA DA ESCOLA DE FRANKFURT E A EDUCAÇÃO EMANCIPADORA EM ADORNO	
Jonathan Junges	
Everton Silva Silveira	
Tiago Anderson Brutti	
DOI 10.22533/at.ed.9032016091	
CAPÍTULO 2	8
A CRISE DA VERDADE NA NEGAÇÃO DE OUTREM: TESE E ANTÍTESE NOS ARGUMENTOS ARISTOTÉLICOS DA ESCRAVIDÃO NATURAL, E SEUS POSSÍVEIS RESQUÍCIOS NA ATUAL DEMOCRACIA	
Wanderson Carlos Lisboa Maia	
DOI 10.22533/at.ed.9032016092	
CAPÍTULO 3	18
A DIALÉTICA DA TOTALIDADE CONCRETA DE KAREL KOSIK	
Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
DOI 10.22533/at.ed.9032016093	
CAPÍTULO 4	32
A RELAÇÃO DO ARTIVISMO COMO ANTI-ESTRUTURA EM TURNER E ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA EM FOUCAULT, NUMA CONCEPÇÃO DE ARTE CONTRA O ESTADO; ROMPENDO COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS REPRESENTATIVOS E INSTITUCIONAIS QUE CARREGAM CONSIGO O PROBLEMA DO RECONHECIMENTO E A FALTA DX OUTRX NA RESISTÊNCIA CONTRA O ESTADO	
Bartira Dias de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.9032016094	
CAPÍTULO 5	45
A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA DIFERENÇA: REFLEXÕES SOBRE POLÍTICAS INCLUSIVAS NA EDUCAÇÃO E SUAS PRÁTICAS DE GOVERNO	
Sandra Cristina Moraes de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.9032016095	
CAPÍTULO 6	59
FREIRE, NIETZSCHE E A TRANSVALORIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BANCÁRIA	
Pablo Michel Barcelos Pereira	
Williams Ferreira Portela	
Marcelo Peres Geremias	
DOI 10.22533/at.ed.9032016096	
CAPÍTULO 7	66
MICHEL FOUCAULT E O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO TÉCNICO: O COABITAR PROBLEMAS COMO UM EXERCÍCIO DE SI	
Daniel Salésio Vandresen	
DOI 10.22533/at.ed.9032016097	

CAPÍTULO 8	77
FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA UBUNTU: AFROPERSPECTIVAS E O HUMANISMO AFRICANO Kellison Lima Cavalcante DOI 10.22533/at.ed.9032016098	
CAPÍTULO 9	86
MATERIALISMO HISTÓRICO: O PROBLEMA DA NECESSIDADE E CONTINGÊNCIA Lutiero Cardoso Esswein DOI 10.22533/at.ed.9032016099	
CAPÍTULO 10	95
NOTA SOBRE A CRIAÇÃO FILOSÓFICA NA SOCIOPOÉTICA – ALGUNS CRUZAMENTOS INTERCULTURAIIS Jacques Gauthier DOI 10.22533/at.ed.90320160910	
CAPÍTULO 11	108
RANCIÈRE E A EFICÁCIA POLÍTICA DA LITERALIDADE Joelson Silva de Araújo DOI 10.22533/at.ed.90320160911	
SOBRE OS ORGANIZADORES	114
ÍNDICE REMISSIVO	116

MICHEL FOUCAULT E O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO TÉCNICO: O COABITAR PROBLEMAS COMO UM EXERCÍCIO DE SI

Data de aceite: 01/09/2020

Data da submissão: 16/06/2020

Daniel Salésio Vandresen

Instituto Federal do Paraná, campus Avançado
Coronel Vivida.

Coronel Vivida – Paraná.

<http://lattes.cnpq.br/6937533779562648>

<https://orcid.org/0000-0001-6662-4703>

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo tematizar o ensino de filosofia no Ensino Médio, descrevendo a filosofia como um exercício de si que se realiza por diferentes práticas. Tendo como referência teórica a filosofia de Michel Foucault, o texto se desenvolve em dois momentos: primeiro, descrevemos sobre o ensino de filosofia no ensino médio técnico e depois, apresentamos a interpretação da filosofia como um modo de coabitar problemas. Nosso objetivo inicialmente é apresentar um diagnóstico do uso técnico do ensino de filosofia na educação tecnológica, isto porque, a filosofia torna-se um procedimento técnico quando busca o reconhecimento de si na produção da verdade e transmissão do conteúdo abstrato, prática que conduz ao empobrecimento da experiência de si. Em seguida, defendemos a atitude de *coabitar problemas* como modo de praticar a filosofia e combater um ensino que tradicionalmente se conduz de modo mecânico por meio de discursos retóricos e escritas reprodutoras sem vinculação com a vida. Enfim, como forma de *coabitar* o ensino de filosofia por

meio de outras práticas, para além da obrigação discursiva que caracteriza nossa tradição filosófica, analisamos a prática do silêncio como um instrumento problematizador do presente e potencializador de novos modos de existir.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de filosofia; Michel Foucault; Exercício de si; Coabitar problemas.

MICHEL FOUCAULT AND THE TEACHING OF PHILOSOPHY IN TECHNICAL HIGH SCHOOL: COHABITING PROBLEMS AS AN EXERCISE OF SELF

ABSTRACT: The present work aims to focus on the teaching of philosophy in high school, describing philosophy as an exercise of self that is carried out by different practices. Taking Michel Foucault's philosophy as a theoretical reference, the text develops in two moments: first, we describe the teaching of philosophy in technical high school and then, we present the interpretation of philosophy as a way of cohabiting problems. Our objective is initially to present a diagnosis of the technical use of philosophy teaching in technological education, because philosophy becomes a technical procedure when it seeks to recognize itself in the production of truth and transmission of abstract content, a practice that leads to impoverishment of the experience of self. Then, we defend the attitude of cohabiting problems as a way of practicing philosophy and fighting a teaching that traditionally is conducted mechanically through rhetorical speeches and reproductive writings with no connection with life. Finally, as a way of coexisting the teaching of philosophy through other practices, in addition to the discursive obligation that characterizes our

philosophical tradition, we analyze the practice of silence as an instrument that problematizes the present and enhances new ways of existing.

KEYWORDS: Philosophy teaching; Michel Foucault; Exercise of self; Cohabiting problems.

1 | INTRODUÇÃO¹

A filosofia pensada como processo de ensino-aprendizagem faz com que a escolha *do que ensinar e do como ensinar* tornam-se priorizadas como maneiras de realizar o ensino como intervenção filosófica, ou seja, como o conteúdo e o método contribuem para a formação de determinados objetivos do ensino de filosofia. Embora, essas propostas se colocam como tentativas de manter uma relação menos abstrata com a história da filosofia, o que elegem como conteúdo e/ou método a ser praticado nas aulas de filosofia acabam por incorrer em uma lógica determinista do ensino, isto porque ao não problematizarem o seu próprio filosofar se conduzem por uma prática que não se desvincula da tradicional epistemologia do pensamento, o qual é gerido por uma objetividade que visa a conquista de resultados pré-determinados e pelo reconhecimento de si no conteúdo dado. Assim, a transformação que a filosofia produz nos indivíduos é uma mudança que tem por objetivo a produção de um determinado tipo de subjetividade já definida de um modo abstrato e arbitrário no processo de ensino, o que leva a fabricação de um produto: o pensamento normalizado.

Desse modo, nota-se que o modo como tradicionalmente se tem praticado o ensino de filosofia é a da produção de verdades, ou seja, através de determinados métodos, técnicas, exames, delimitações de conteúdos, etc., constroem uma visão de filosofia pela qual se movem e interpretam um modo de ser no mundo, ou ainda, não se permite que a filosofia se realize como uma prática de deslocamento de si mesmo. Assim, entendemos que a filosofia precisa se realizar como um exercício de si, atitude que Michael Foucault desenvolve na noção de *cuidado de si (epiméleia heautoû)*, a qual é compreendida como atitude, atenção e transformação de si/exercício de si (2004, p. 14) que conduz a liberdade dos modos de vida.

Diante disso, propomos como questão norteadora dessa pesquisa: como praticar uma filosofia para além da obrigação de falar e escrever que caracteriza nossa tradição filosófica, de uma escrita reprodutora e um discurso retórico sem vinculação com a vida que se exercita a si mesma? Ao colocá-la, entendemos que no ensino de filosofia quando predomina a transmissão abstrata do conhecimento, seja pelo discurso ou pela escrita, não se permite acontecer o exercício de si como prática da liberdade, isto porque nesse tipo de ensino se produz uma relação técnica em que a transmissão da verdade é apenas reproduzida sem produzir uma tensão ética importante para a problematização de si e para repensar as práticas existenciais.

1. O presente texto é uma síntese de algumas ideias de minha tese de doutorado em educação (UNESP-Marília/SP), defendido em 2019 sob a orientação do prof. Dr. Rodrigo Pelloso Gelamo.

O exercício da filosofia no contexto da educação tecnológica de nível médio é o lugar em que inflexionamos para pensá-la. Nosso entendimento é de que o ensino de filosofia no ensino médio técnico ao não conduzir a uma experiência problematizadora de si mesmo não permite que o indivíduo se construa de forma livre. Então, perguntamos: *como praticar a filosofia como exercício de si no ensino médio técnico*, se nesse ambiente funciona a produção de uma subjetividade eficiente que impede que seus atores se coloquem na tarefa filosófica da transformação de si?

Em nossa análise apontamos que, o modo como atualmente praticamos o ensino de filosofia é de um uso técnico-pedagógico, em que predominam as questões metodológicas de transmissão do conteúdo e representatividade do conhecimento. Portanto, fazem com que os elementos da transmissão e da representação se tornem ferramentas para um uso técnico no ensino-aprendizado. Por isso, nossa opção é pelo deslocamento de um uso técnico do ensino de filosofia para pensar a (des)aprendizagem em filosofia como *exercício de si* que se realiza pela atitude de *coabitar problemas*.

2 | O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO TÉCNICO

Com a proposta de pensar o ensino de filosofia no ensino médio técnico nos Institutos Federais de Educação, como um primeiro movimento, queremos contestar certo modo de colocar a filosofia que é aquela que se ocupa com determinado fim, ou seja, como um produto a ser alcançado, como por exemplo, a ideia muito presente nos planos de ensino de filosofia que se deve formar um sujeito crítico. Com isso, não se quer negar que a filosofia deva proporcionar um pensamento crítico. Antes, deve-se questionar: o que entendemos por crítica? E qual crítica devemos praticar? Desse modo, buscamos problematizar certo modo de se conceber a filosofia crítica, em que o modo como se entende a crítica geralmente está associada à formação de um pensamento racional que tem como capacidade o juízo sobre as coisas e como decorrência a representação do verdadeiro e do falso.

A crítica como julgamento da verdade é fruto de uma determinada tradição crítica do pensamento que é analítica da verdade, em que se concebe a avaliação das condições do conhecimento como requisito para obter o conhecimento verdadeiro e como conquista da autonomia do sujeito. Trata-se de uma concepção da crítica apenas em seu uso técnico, ou seja, com a formação de um sujeito crítico deseja-se a produção das competências de um indivíduo emancipado. E nisso, por meio de uma representação da verdade se produz um determinado tipo de sujeito governado. No entanto, a partir da leitura de Foucault, entende-se a crítica como uma atitude que implica no próprio deslocamento do indivíduo em um procedimento que tem por objetivo não o homem realizado em sua consciência de si, mas como atitude de “como não ser governado” e que permite o deslocamento do indivíduo nas relações de força. Ainda, Foucault afirma, no texto de 1980 (2005, p. 302), que é preciso

pensarmos em uma crítica que não procuraria julgar, que “multiplicaria não os julgamentos, mas os sinais de existência”.

Dessa forma, a experiência fundamental a ser problematizada no ensino de filosofia, principalmente em um ensino médio técnico, deve ser o da problematização de um determinado uso da técnica e das formas de racionalidade que produzem subjetividades. Postura que nos leva a pensar o ensino da filosofia não mais como preparação para uma objetividade, seja da verdade ou da racionalidade, mas como uma experiência em que o que está em jogo é a própria constituição de si. Segundo Gelamo (2009, p. 115) a filosofia torna-se um “saber técnico” quando transmite um tipo de conhecimento em que o objetivo é (re)conhecer a forma e o conteúdo de determinado pensamento. E isso tem levado ao empobrecimento da experiência da vida no ensino da filosofia (2009, p. 127). Em outro texto, Gelamo, ao tratar da filosofia como experiência ligada à vida e não à objetividade, afirma: “[...] o ensino da filosofia precisaria se dar como uma experiência de pensar e não como um vínculo às regras e às objetividades capazes de produzir um *pensamento verdadeiro*” (GELAMO, p. 2010, p. 397).

O ensino objetivo, alicerçado em técnicas de produção de resultado, tem como implicação moral a normatização do comportamento, fazendo com que o indivíduo se construa tendo como parâmetro a verdade a ser conquistada no final do processo. Isso significa dizer, que nesse ensino prevalece o reconhecimento de si no conteúdo, sem espaço para a problematização de si. Isso implica na criação de uma subjetividade em que seu comportamento moral não se constrói pela problematização do caminho percorrido, mas por modelos de verdade que tornam o indivíduo fechado aos problemas do seu presente e de si mesmo. A partir dessa perspectiva, o ensino de filosofia assume um papel bem definido como elemento técnico e moral, que se dá por meio da formação de determinadas competências críticas para educação do indivíduo emancipado. Contudo, é preciso pensar a filosofia como um modo de se desvincular da formação de determinadas capacidades e de suas relações de poder.

A partir da ideia apresentada por Foucault, se faz necessário pensar o ensino de filosofia como um modo de “desprender-se de si” (2012, p. 241), isto é, a formação de uma subjetividade se constrói pelo devir do seu modo de pensar e agir. Nisso, o mais importante na formação não é a conquista de resultados, mas as experiências realizadas durante o caminho percorrido, ou seja, isso significa estar atento não aos “ganhos” de um processo, mas, sim, aos desvios e tropeços, imprecisões e erros que fazem parte de qualquer movimento do pensamento e da vida. E, mais adiante, acrescenta que essa transformação de si “gostaria que fosse uma elaboração de si por si mesmo, uma transformação estudiosa, uma modificação lenta e árdua através da preocupação com a verdade” (FOUCAULT, 2012, p. 242).

Desse modo, consideramos que o *desprender-se de si* proposto por Foucault pode ser pensado por meio de um processo de ensino em que a filosofia se realiza como

um (des)aprender². Compreendemos o (des)aprender em filosofia como o processo do pensamento que Foucault e Deleuze chamam de *dobra*. Segundo Deleuze (2005, p. 106) a dobra, embora presente nos outros momentos do pensamento de Foucault, só encontra seu lugar quando, retomando os gregos, pensará a dimensão da ética. Para Foucault, os gregos inventaram a subjetividade quando dobraram a relação de força do poder (lado de fora), como uma relação de força em si mesmo. Sobre isso, Deleuze afirma que o que os gregos fizeram: “foi vergar o lado de fora, em exercícios práticos. [...] uma relação de força consigo, um poder de se afetar a si mesmo, um afeto de si por si. [...] Eis o que fizeram os gregos: dobraram a força, sem que ela deixasse de ser força” (2005, p. 108). Nesse sentido, o pensamento como dobra deve ser entendido como uma atividade de subjetivação, isto significa, que não é apenas uma relação com o dentro, mas que enquanto dobra do lado de fora, a constituição de si se dá em uma relação de força com os poderes. Dobrar o pensamento significa afetar-se pelas relações de força que produzem o deslocamento de si.

No curso de 1982 Foucault afirma que o sujeito ético é aquele que põe jogo a si mesmo e isso “[...] de modo algum é um exercício sobre o pensamento e seu conteúdo. É um exercício pelo qual o sujeito se põe, pelo pensamento, em uma determinada situação” (2004, p. 430). Assim, a dobra constitui uma noção importante para pensar a relação consigo mesmo em que o próprio pensamento é colocado como problema, pois o que está em jogo é a transformação do pensamento e da experiência de vida do indivíduo e não um saber abstrato sobre determinado assunto.

A esse processo de dobrar-se associamos o (des)aprender, isto porque esse modo de afetar-se pelas relações de força não acarretam apenas aprendizado, mas também constante mudança em nossa forma de ser e pensar. Se faz necessário pensar um (des) aprender a filosofia para desformatar as formas de aprendizagem e se conduzir por um exercício da experiência do pensamento em que o resultado é o próprio filosofar, como permanente transformação de si. O desprender-se de si como desaprendizagem constitui uma importante ferramenta para deslocar-se de modos de pensar abstratos e dogmáticos, possibilitando abrir-se para novas maneiras de se conceber a vida e o mundo.

Por isso, é importante também estar atento ao modo como se ensina filosofia, pois não é porque a filosofia carrega, pelo menos na visão de senso comum, o *status* de formação de pensamento crítico que necessariamente conduzirá a isso. Assim, é preciso pensar o ensino de filosofia como o lugar de conflito entre a prática de transmissão de saber objetivo e como modo de desprender-se de si que conduz a liberdade no exercício da arte de viver. No primeiro modo, a filosofia torna-se um procedimento técnico quando busca

2. Nós situamos no mesmo registro de Gallo (2008), fomentando o deslocamento do *ensino* de filosofia para o *aprender* em filosofia. “Mas, se queremos, ao contrário, investir no exercício da filosofia como experiência do pensamento, com o trato com os conceitos, precisamos mudar o foco do *ensino* para o *aprendizado*. Isto é, deslocar o processo educativo da filosofia do “ensinar a pensar”, foco serializante e generalizante que parte do professor e de seu método para atingir coletivos de estudantes, para um “aprender a pensar”, em que o foco esteja no processo singular de pensamento de cada um. E, para isto, não há método” (GALLO, 2008, p. 73).

o reconhecimento de si na produção da verdade e transmissão do conteúdo abstrato, prática conduz ao empobrecimento da experiência de si. A técnica é um modo de proceder que visa a economia de tempo, em produzir com eficiência. O imediatismo da busca por resultados, característico de nossa modernidade tecnológica, leva o indivíduo a fuga de si e a elisão dos problemas existências. E a filosofia torna-se um procedimento técnico quando evita a problematização para priorizar a conquista de resultados. Quando no ensino de filosofia se evita a problematização de si, muitas vezes se acaba dando respostas prontas para perguntas mal feitas.

Desse modo, a problematização de si como a tarefa filosófica no ensino médio técnico desloca-se do modo tradicional de proceder no ensino de filosofia, restrito muitas vezes a questões metodológicas e epistemológicas, para pensar a prática filosófica como dimensão ética e política. Isto porque, os conceitos da ontologia do presente e da estética da existência são ferramentas que potencializam o fazer filosófico como um modo de diagnóstico e transformação do presente. Enquanto dimensão ético-política, a filosofia não é apenas uma questão de conhecimento, mas um campo de intervenção permanente, ou seja, a filosofia é uma maneira de intervenção em si mesmo e sobre o que nos constitui no presente. Esses instrumentos possibilitam pensar a subjetividade como um exercício crítico e constante de si mesmo, em que a liberdade seja buscada em uma aprendizagem em filosofia que se realiza como experiência singular de resistência e transformação de si.

3 | O ENSINO DE FILOSOFIA COMO UMA PRÁTICA DE COABITAR PROBLEMAS

Abordando a questão da transmissão no ensino, no curso de 1982/83 Foucault (2010) descreve sobre a *Carta VII* de Platão, no qual o filósofo grego relata sobre o fracasso de Dionísio na prova da filosofia, recusando a filosofia como exercício de práticas e escolhendo escrever um tratado de filosofia. Dionísio acreditava que era filósofo por ser capaz de dominar e reproduzir algumas *fórmulas de conhecimento (mathémata)*. E Foucault analisa o tema da rejeição da escrita por meio da pergunta: “como se transmite?”. Sua resposta será que não se transmite por *mathémata* (fórmulas), mas por *synousía* (coabitar). Como afirma:

Esse percurso das *mathémata*, essa enformação do conhecimento em fórmulas ensinadas, aprendidas e conhecidas, isso não é, diz o texto de Platão, o caminho pelo qual passa efetivamente a filosofia. **As coisas não acontecem assim, não é ao fio das *mathémata* que a filosofia se transmite.** [...] *Synousía* é o ser com, é a reunião, é a conjunção. [...] Mas **quem deve se submeter à prova da filosofia deve “viver com”**, deve, empreguemos a palavra, “coabitar” com ela - aqui também, vocês sabem, com os possíveis sentidos da palavra coabitar. Que aquele que filosofa tenha de coabitar com ela, é o que vai constituir a própria prática da filosofia e sua realidade. *Synousía*: coabitação. *Syzên*: viver com. E, diz Platão, é à força dessa *synousía*, à força desse *syzên* que vai se produzir o quê? Pois bem, a luz vai se acender na alma, mais ou menos como uma luz (*phôs*) se acende (a tradução diz “um

lampejo”), isto é, como uma lamparina se acende quando é aproximada do fogo. [...] É dessa maneira, **sob essa forma de coabitação**, da luz que se transmite e se acende, da luz que se alimenta da própria alma, é assim que a **filosofia vai viver**. Vocês estão vendo que é exatamente o contrário do que acontece nas *mathémata*. **Nas mathémata não há *synousía***, não é preciso *syzén*. É preciso haver **enformação de matemas**, é preciso haver conteúdos de conhecimento. Esses matemas têm de ser transmitidos e têm de ser guardados no espírito até que, eventualmente, o esquecimento os apague. Aqui, ao contrário, **não há fórmula, mas uma coexistência** (FOUCAULT, 2010, p. 225-226, grifos nossos).

A partir disso, pensamos que no ensino de filosofia o essencial não é a transmissão de um conteúdo em que o é suficiente a sua apreensão. Ao contrário, a filosofia precisa ser praticada em uma *coexistência*, em um *coabitar* problemas, onde não há respostas imediatas e definitivas, mas que se realiza como um “longo caminho da filosofia, isto é, tomar a via rude dos exercícios e práticas” (FOUCAULT, 2010, p. 224). Sobre isso, Foucault (2010, p. 233, nota n. 6) cita em nota o texto de Platão, em que este afirma que é necessário frequentar por muito tempo os problemas, somente convivendo com eles que é possível a verdade brotar na alma. Nas palavras de Platão:

Não é possível encontrar a expressão [*mathémata*] adequada para problemas dessa natureza, como acontece com outros conhecimentos. **Como consequência de um comércio prolongado e de uma existência dedicada à meditação de tais problemas** é que a verdade brota na alma como a luz nascida de uma faísca instantânea, para depois crescer sozinha (PLATÃO, 1975, 341c-d, nossa inclusão e grifo).

Também aponta, que a filosofia como *mathémata* conduz a ideia de que “dava-se ares de saber muitas coisas e de dominá-las” (PLATÃO, 1975, 341b) e isso para Foucault (2010, p. 224) acarreta na ideia de que “agora que já sabia o bastante, não precisava se formar mais”. Nesse modo de filosofia como transmissão, a posse da verdade conduz a um modo de ser em que as relações de poder são autoritárias, como por exemplo, em práticas de ensino em que o professor se coloca como detentor da verdade a ser transmitida e o aluno sendo apenas receptor e reproduzidor desse saber. E isso para Foucault tem consequências éticas, isto porque, torna-se *perigoso* o modo de proceder daqueles que praticam a *mathémata*, como afirma:

Mas na verdade seria ou inútil, ou perigoso. **Seria perigoso** para os que efetivamente, não sabendo que a filosofia não tem outro real senão suas próprias práticas, **imaginariam conhecer a filosofia, tirando disso vaidade, arrogância e desprezo pelos outros**, e portanto seria perigoso. Quanto aos outros, aos que sabem perfeitamente que o **real da filosofia** está nesta, na sua e nas **suas práticas**, pois bem, para esses o ensino pela escrita, a transmissão pela escrita seria totalmente inútil (FOUCAULT, 2010, p. 226, grifos nossos).

Nessa perspectiva, o ensino de filosofia como transmissão e através do

reconhecimento de si pela verdade produz a dogmatização de posicionamentos e, como consequência, dificultando as relações com o outro. Por isso, pensamos que a filosofia precisa se realizar como um aprendizado do *coabitar* problemas, no qual a filosofia é um caminho de práticas que jamais se completam. Desse modo, aprender a *coabitar* problemas pressupõe que o sujeito esteja em uma relação viva com seu presente, ou seja, constitui um modo de estar atento ao que se passa consigo e em seu modo de agir ético em relação ao mundo e aos outros. E nesse real da filosofia como coabitação demanda que a atenção ao presente produza a desaprendizagem das práticas arbitrárias para que, então, novas práticas possam ser construídas.

No ensino como transmissão do conhecimento a ênfase está na reprodução da representação da verdade, o que tem consequência para a relação professor-aluno, pois enquanto o primeiro detém o conhecimento a ser transmitido, o segundo está em uma situação de ignorância passiva. Trata-se de um processo de transformação apenas do aluno, da passagem do não-saber para um estado de sabedoria. Nesse registro, se está mais preocupado com a questão técnica de ensinar do que com a experiência como aprendizagem, ou seja, mais com a reprodução conceitual da história da filosofia do que com a aprendizagem como processo de coabitar problemas que coloca tanto professor e aluno como a própria filosofia em devir.

Desse modo, coabitar problemas constitui um exercício de si como modo de estar atento ao devir de nossa existência. E esse é o modo como Foucault entende o *cuidado de si*, o qual se “constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência” (2004, p. 11). Inquietação como um permanente exercício de si como forma de estar atento ao que acontece conosco. Contudo, cuidar de si não significa adquirir capacidades ou competências para fazer coisas, como é característico de nossa época, antes tem o sentido agonístico de transformação de si. Segundo Frederic Gros, no dossiê *Cultura de Si*, citando uma passagem do próprio Foucault, afirma que a agonística significa: “Ser mais forte do que si implica que se esteja e se permaneça à espreita, que se desconfie sem cessar de si mesmo, e que não apenas no decurso da vida cotidiana, como também no próprio fluxo das representações, se faça atuar o controle e o domínio” (Foucault apud GROS, 2004, p. 648).

A partir do exposto, defendemos a atitude de *coabitar problemas* como modo de praticar a filosofia. Isso exige uma atitude de contraposição à ideia da transmissão da verdade, a qual implica em uma busca metódica para resolver problemas. Ao contrário, coabitar os problemas não implica necessariamente em dar respostas, mas em um movimento de problematização que conduz ao desprender-se de si mesmo.

Para Platão (FOUCAULT, 2010, p. 225) não se trata de transmissão, antes é preciso *coabitar* com ela e, assim, se constituir na própria prática da filosofia. A filosofia enquanto coabitar não é algo que se realiza sozinho, mas é um caminho que se exerce por práticas que são atravessadas pelas experiências cotidianas com o outro. Coabitar a filosofia pela

inquietação do estranho, da paixão pelo que se passa, de se desfazer das familiaridades aceitas e aprender em filosofia como uma permanente inquietação que nos move na incompletude do *desprender-se de si mesmo*.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS: É PRECISO COABITAR OUTRAS PRÁTICAS EM FILOSOFIA!

Diante do exposto, acreditamos que a tarefa filosófica no presente é o de combater essa relação mecânica que caracteriza tanto os processos de ensino como também nossa experiência de nós mesmos e do mundo. E que isso deve se realizar por meio de uma prática filosófica que se caracteriza por uma atitude crítica em um trabalho paciente de coabitar problemas e que potencializa uma liberdade impaciente. Diante disso, como interromper essa relação mecânica com o tempo da vida? E como *coabitar* o ensino de filosofia por meio de outras práticas, de diferentes práticas, para além da obrigação discursiva que caracteriza nossa tradição filosófica, de um discurso retórico e uma escrita reprodutora sem vinculação com a vida que se exercita a si mesma?

Penso que uma maneira de se fazer isso é pela prática do silêncio³. O silêncio é uma maneira de colocar o pensamento em outro movimento. Praticar o silêncio não deve ser concebido como contemplação, mas como uma maneira de *coabitar* o que não está ou não pode ser dito.

No curso de 1971, Foucault trata desses “muitos silêncios” que habitam um discurso com a noção de *acontecimento discursivo*, o qual entende como uma multiplicidade que está presente no lugar e papel do discurso em uma instituição, na qualificação daquele que o pronuncia, no âmbito do objeto/conteúdo que se dirige e no tipo de enunciados que ocasiona. E afirma: “um acontecimento é sempre uma dispersão; uma multiplicidade. É o que passa qui e ali; é policéfalo” (2014, p. 175). Assim, compreende que o acontecimento no discurso não é o que apenas ocorre em um discurso ou texto, mas se trata de um modo de apropriação do discurso pelo seu funcionamento, as suas formas e os conteúdos de saber como um papel a desempenhar (2014, p. 175). Ao se considerar o discurso como acontecimento torna-se possível confrontar o uso técnico do discurso transmissão que distancia o sujeito das relações de saber-poder presente nos “muitos silêncios” que apoiam e atravessam um discursivo.

Já no texto *Uma entrevista com Michel Foucault por Stephen Riggins* (1994, p. 525-538, tradução nossa) afirma que não temos uma cultura do silêncio, porque a obrigação de

3. Optamos pela descrição do silêncio como uma prática de resistência ao discurso retórico que predomina no ensino de filosofia. Contudo, a partir de Foucault, a *escrita de si* é outra prática que permite confrontar o uso da escrita como reprodução do mesmo. No texto de 1983 - *A escrita de si* - Foucault descreve que a escrita tem a função *etopoiética* de transformar a verdade em êthos (2012, p. 144). Já no curso de 1982, Foucault afirma que há dois usos da escrita: um uso para nós, como um elemento de exercício que ajuda a implantar uma espécie de hábito e um uso para os outros, em que as correspondências espirituais tinham por finalidade dar um ao outro notícias de si mesmo (2004, p.432-433). Desse modo, a escrita de si constitui um novo uso de si, pois se trata de um modo de expressar-se pela problematização de sua experiência em que não é possível distanciar-se de modo abstrato.

falar característico de nossa sociedade impede que cultivemos um “*êthos do silêncio*”. E assim como os gregos ensinavam diversas formas de silêncio em função das pessoas que se relacionavam, defende que é preciso cultivar o silêncio como forma particular de relação com os outros, pois se o silêncio pode implicar certa “hostilidade virulenta” também pode se configurar como uma forma de amizade profunda. Desse modo, Foucault concebe o silêncio como uma forma de cultivar certa sensibilidade com as pessoas e o mundo.

Também Kafka, no texto de 1917 intitulado *O silêncio das sereias*, mostra como o silêncio torna-se também um instrumento de combate. Ao interpretar o relato mitológico que trata sobre as estratégias de Ulisses para não se deixar seduzir pelas sereias, afirma: “As sereias entretanto têm uma arma ainda mais terrível que o canto: o seu silêncio” (KAFKA, 2017, p. 2). Para Kafka, Ulisses não escutou o silêncio e acreditava que elas cantavam. E logo, as sereias desaparecem, para em seguida surgirem nas rochas “mais belas que nunca”, contudo, “já não queriam seduzir senão que apenas o quanto possível prender o fulgor dos grandes olhos de Ulisses” (2017, p. 3). Kafka ao afirmar que as sereias não queriam mais seduzir e, sim, apenas prender os olhos de Ulisses, mostra que as sereias não procuram mais pelo canto se comunicar com o homem e pela sua linguagem seduzi-los pelo seu próprio modo de expressão, mas através do silêncio prender o olhar humano por um modo de existir que lhe é próprio. O canto seduz por um modo de relação que, embora em uma linguagem estranha, conduz ao aniquilamento; já o silêncio captura por um modo de existir que permite um modo de habitar próprio. Por isso, se faz necessário interromper o canto/fala/discurso e fazer do silêncio uma arma que permite existir de outro modo.

Diferentemente da maneira de se fazer filosofia na ascese grega, atualmente a atividade filosófica tem se restringido ao modo discursivo, ou seja, a partir da leitura, da fala e da escrita se têm reproduzido as teorias filosóficas como forma de ensino da filosofia. Talvez também seja necessário que a filosofia pare de discursar e habite pelo silêncio o que é incompreensível, o inexplicável, o estranho. Se apenas pelo discurso não se produz o deslocamento, talvez seja preciso coabitar outras práticas, sendo o silêncio uma das formas de potencializar a transformação de si. O silêncio como uma forma de coabitar problemas se constitui em uma inquietação que modifica a existência. Praticar o silêncio em filosofia significa um exercício filosófico que coloca o pensamento em outro movimento e, assim, se constitui em uma ferramenta estratégica de resistência e deslocamento de si. Nesse outro movimento, o silêncio constitui um modo de deixar-se afetar, onde a relação com o outro pode ser construído por um afeto que não precisa ser necessariamente codificado.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. **Foucault**. Trad. Claudia Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do Sujeito**. Trad. Márcio A. da Fonseca e Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, M. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Trad. Elisa Monteiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, M. **Aulas sobre a vontade de saber**: curso no collège de France

(1970-1971). Trad. Rosemary C. Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

FOUCAULT, M. **Dits et Ecrits IV** (1980-1988). Editions Gallimard: 1994.

FOUCAULT, M. **Ética, Sexualidade, Política**. 3. ed. Trad. Elisa Monteiro e Inês A.D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, M. **O governo de si e dos outros: curso no Collège de France** (1982-1983). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GALLO, Sílvio. Filosofia e o exercício do pensamento conceitual na educação básica. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 22, n. 44, p. 55-78, jul./dez. 2008.

GELAMO, R. P. A questão da experiência no ensino da filosofia: um problema contemporâneo. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26. n. 02, p.383-400, ago. 2010.

GELAMO, R. P. **O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade**: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia? São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

GROS, F. Notas e Situação do curso. In: FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do Sujeito**. Trad. Márcio A. da Fonseca e Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KAFKA, F. **O silêncio das sereias**. Trad. Luiz Costa Lima. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2017. p. 1-4. (Cadernos de Leituras, n. 70). Disponível em: <<http://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2017/06/cad-70-kafka-1.pdf>>. Acesso em: 19 setembro 2017.

PLATÃO. Sétima Carta. In: PLATÃO. **Diálogos: Fedro - Cartas - O primeiro Alcibiades**. Belém: Ed.UFPA, 1975, p. 137-167.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aristóteles 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 108, 109, 111

B

Biopolítica 45, 54, 55, 56

D

Democracia 5, 8, 15, 37, 77

Dialética 3, 7, 11, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31

E

Educação 10, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 16, 36, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 76, 77, 85, 95, 99, 114, 115

Educação bancária 10, 59, 61, 62, 63

Emancipação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 16, 43, 66, 68, 71, 109

Ensino de filosofia 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 85

Exercício de si 66, 67, 68, 73

F

Filosofia 1, 2, 8, 9, 10, 16, 17, 18, 20, 23, 24, 31, 43, 46, 47, 58, 59, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 94, 95, 101, 107, 114, 115

H

Humanidade 5, 6, 9, 10, 11, 13, 15, 22, 29, 31, 60, 64, 77, 78, 80, 82, 83, 84

I

Inclusão 41, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 72, 100, 101, 105, 115

Interculturalidade 95

N

Normalização 45, 53, 54, 56

P

Política 9, 10, 11, 12, 15, 16, 19, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 41, 42, 43, 49, 71, 76, 81, 82, 84, 87, 91, 94, 108, 109, 111, 113, 115

R

Racionalismo 1, 2, 24

S

Sociopoética 95, 96, 97, 98, 99, 107

T

Tendências pedagógicas 59, 63, 64

Teoria crítica 1

U

Ubuntu 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85

V

Verdade 1, 8, 13, 18, 19, 23, 28, 30, 31, 34, 35, 37, 38, 43, 48, 51, 57, 61, 62, 64, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 98, 109

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br